

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE LORENA – UMA PEQUENA JÓIA ECLÉTICA NO VALE DO PARAÍBA

Cristiana Antunes Cavaterra¹

A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS – BREVE HISTÓRICO²

Lorena, município localizado no Vale do Paraíba paulista originou-se em 1705 de um pequeno povoado constituído no final do século XVII, chamado Vila de Guaypacaré. Tornou-se freguesia em 1718, município em 1788 e foi elevada à cidade em 1856. É conhecida por “cidade das palmeiras imperiais”, devido à quantidade de palmeiras em suas praças públicas, sendo as primeiras plantadas no último quartel do séc. XIX³. Nos tempos do café abrigou grandes e importantes fazendas e atualmente é polo industrial e universitário.

A devoção a Nossa Senhora do Rosário, em Lorena, dá-se concomitantemente à fundação de Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade em meados de 1720, pois já em 1748 há indícios da existência da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em plena atividade no interior da Igreja conforme registrado à Folha 8 do Livro de Tombo da Igreja Matriz (1747-1883). Devido ao crescimento da Irmandade é solicitada a permissão para construir uma Capela dedicada ao Rosário, sendo a capela primitiva custeada pelo Capitão Gregório José dos Santos e benzida pelo Vigário Pe. José Gonçalves da Silva no dia 26 de novembro ano de 1803.

Neste período o contexto urbano da Vila de Guaypacaré era formado por poucas casas, a Igreja Matriz, a Capela do Rosário e a Casa da Câmara e Cadeia, às margens do Rio Paraíba, conforme registra o pintor, desenhista, gravador, urbanista francês, Armand Julien Pallière em uma aquarela, quando de sua passagem pela cidade em 1821 (Fig. 1). Assim como todo o restante

1 Conservadora e Restauradora de Obras de Arte; Mestranda em Artes IA-UNESP / Bolsista CAPES; Grupo de Pesquisa Barroco Memória Viva: da arte colonial à arte contemporânea – IA-UNESP/CNPQ; Membro do IEV – Instituto de Estudos Valeparaibanos.

2 O presente artigo é parte dos estudos para a dissertação de mestrado que será entregue ao Instituto de Artes da UNESP sobre a vida e obra retabulística e escultórica-sacra de Marino Del Favero e do levantamento histórico e estilístico da Capela de Nossa Senhora do Rosário que será apresentado ao IEV.

3 EVANGELISTA, 1978, pág.154.

da cidade, a capela era uma pequena construção com características coloniais paulistas, de “uma torre”⁴, desprovida de ornamentação, descritas no contexto urbanístico pelo botânico Auguste de Saint-Hilaire quando de sua passagem por Lorena em 1822:

[...] A igreja paroquial forma um dos lados da pequena praça quadrada. Em outra praça irregular, e ainda menor que a primeira, fica a segunda igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Esta foi a única que visitei. Não tem dourados como as igrejas de Minas, e unicamente se adorna de pinturas bastante grosseiras.

Em frente à igreja do Rosário fica o paço municipal, pequena construção de um só andar, mas muito limpa, cujo rés-do-chão é, segundo o costume geral do Brasil, ocupado pela cadeia.⁵

Por volta de 1838, a vila contava com cerca de 300 casas, sendo, ainda, os espaços públicos mais importantes a Casa da Câmara, a Igreja Matriz e a Capela do Rosário.

Neste ano, a Câmara Municipal decide demolir a Igreja Matriz, que se encontrava em ruínas e construir um novo templo no mesmo local da anterior, assumindo a Capela de Nossa Senhora do Rosário o papel de Igreja Matriz, enquanto o templo de Nossa Senhora da Piedade era reformado pela terceira vez, permanecendo o Rosário com este uso por cerca de 30 anos.

A primeira construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário não suportou o uso intensivo como substituta da matriz, devido à intensa circulação de fiéis e seu espaço diminuto, e começou a apresentar sinais de degradação, como afirma Evangelista que,

[...] em 1874, o jornalzinho de estudantes “O Eco” iniciou uma campanha para sua reedificação, em virtude do seu “estado ruinoso” e quando o arquiteto Ramos de Azevedo⁶ esteve na cidade, em 1886, cuidando da construção da nova matriz, foi pedido a ele uma planta para a reconstrução e ao Governo provincial que liberasse a verba de um conto de réis, prevista no orçamento e mais o “meio benefício” da loteria, que ocorrera no final de 1885.⁷

As obras de reconstrução, iniciadas em 1889 pelo Pe. José Ferreira da Silva com o auxílio de 10 contos de réis doados pela Viscondessa de Castro Lima, prosseguem, e no dia primeiro de novembro de 1919 é inaugurada a Capela cuja obra ficou sob a direção do Conde de Moreira Lima

4 EVANGELISTA, 1978 pág. 49

5 SAINT-HILAIRE, 2002, p. 82.

6 São projetos de Ramos de Azevedo em Lorena, além da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade e a reconstrução da Capela de Nossa Senhora do Rosário e a reformas no Solar dos Azevedo e Capela de São o Miguel e Almas, Mausoléu da família Moreira Lima no Cemitério Municipal.

7 EVANGELISTA, 2001, pág. 164.

e executada com recursos da irmandade, esmolas e graças às expensas de D. Odília Silva Coelho de Castro que teria gasto de 15 a 20 contos de réis com as obras

Na folha 55 do Livro de Tombo da Igreja Matriz (1910 a 1941), encontramos a descrição do Vigário, Pe. José Arthur de Moura de todo o processo de angariação de verbas e seus patrocinadores, assim como as festividades realizadas na inauguração da segunda capela de Nossa Senhora do Rosário, e ainda apontando os elementos artísticos que existiam em seu interior e que foram encomendados em São Paulo à Marino Del Favero:

Finalizando este apanhado sobre a Capella e sua conclusão, devo dizer, que a mesma contem muitas obras de arte. Assim podemos notar o Altar, imitação de marmore, o Confessionario elegante – contendo as figuras do Bom Pastor e de Magdalena -, a Meza da Communhão e os vitraux, que foram preparados, em S. Paulo, pelo artista – Marino Del Favero. Lorena, 31 de Dezembro de 1919. O Vigário, Pe. José Arthur de Moura⁸

A reconstrução da Capela do Rosário e Igreja Matriz, se mantém no traçado urbano da cidade que sofre algumas modificações.

Localizada na Praça Manoel Pereira de Castro, nome atual do antigo Largo do Rosário, a Capela não é tombada por nenhum órgão de proteção, seja no âmbito, municipal, estadual ou nacional, porém sua fachada está protegida pelo fato de a praça como um todo ser tombada pelo COMPHAC – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural do Município de Lorena sob a Lei 2935 – 25/06/04, como Zona de proteção com seu entorno, edificações e vegetação. O interior da Capela com seu imponente retábulo, pinturas parietais e elementos decorativos, infelizmente não é protegido, correndo o risco de supressões e/ou modificações que possam vir à ocorrer.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – ARQUITETURA E DECORAÇÃO INTERNA

A arquitetura em estilo Eclético da Capela de Nossa Senhora do Rosário (Fig. 2) ainda atualmente se destaca entre as construções da cidade, sendo ponto de referência, não só pela graciosidade da edificação e beleza de seu interior, como por fazer parte dos eventos festivos religiosos anuais da cidade e ser o local das manifestações de milagres acometidos por Tia Laura⁹.

8 Livro de Tombo da Igreja Matriz (1910 a 1941), Folha 55

9 Laura Mendes da Silva (Cachoeira Paulista, SP, 24/10/1917 – Itaici, SP, 11/11/1991), conhecida pela alcunha de Tia Laura. Possuía o

Tirapeli (2014), faz uma exímia descrição da Igreja do Rosário (Fig. 3), a qual considera uma das preciosidades ecléticas do Vale do Paraíba paulista:

[...] Ali, a Capela de N. Sa. do Rosário, projeto de Ramos de Azevedo, transformou-se na mais historicista das capelas de planta centralizada em cruz grega: ao centro, a cúpula de pendentes, com base circular, sobre as abóbadas semicirculares que formam os quatro arcos e os braços simétricos. Frisos marcam os arcos plenos, os da cúpula, bem como a calota da abside, à maneira tardo-renascentista. O braço que abriga o altar-mor tem uma abside demarcada por duas colunas circulares, lisas, livres das paredes, segundo o maneirismo, pintadas em falso mármore, como o pequeno altar neogótico. A calota é visível na parte posterior externa, malgrado o muro que a cinge. Entre dois braços, ainda na parte posterior que forma a pequena sacristia, do lado direito, há um pequeno campanário na altura do telhado, raridade na arquitetura sacra brasileira, que praticamente sempre mostra os sinos. Colunas dóricas guarnecem as portas, justapostas às paredes que imitam pedra. Não há espaço circundante. O pequeno templo limita-se a uma citação clássica fora de contexto.¹⁰

Posteriormente à construção da Capela, foi colocado um gradil em ferro fundido que circundava a igreja, que na década de 90 do século passado foi emparedado por tijolos por questões de segurança, visto que à época, a igreja era sombreada por frondosas árvores e o local frequentado por marginais. As árvores que ficavam adiante da fachada removidas por volta de 2009, por suas raízes estarem oferecendo riscos à estrutura da edificação, que em meados de 2014 foi pintada em tom rosado, diferente do original (Fig. 4).

Internamente, a igreja está repintada em tom bege amarelado, porém observadas sob luz rasante, pode-se perceber a existência de um barrado sob as camadas de repintura.

Única decoração mural aparente, é a representação de quatro querubins de tons pastéis sobre um fundo celeste pintados sob a cúpula na nave-mor. Não há assinaturas nem registros da autoria desta pintura (Fig. 5).

Nas paredes laterais da nave, até meados de 2014, estavam colocadas as duas peanhas em madeira e *carton-pierre*¹¹ representando dois anjos porta-fita. Atualmente, estas duas peanhas fo-

“Dom da Cura”. Participou da Renovação Carismática Católica por mais de duas décadas. Percorreu todo o território brasileiro pregando e orando pelos enfermos. Fundadora na Capela de Nossa Senhora do Rosário de Lorena, SP, do Grupo de Oração “Deus Conosco”, atuante até hoje, sob os preceitos da Renovação Carismática, que ainda recebe testemunhos de pessoas que foram curadas e libertadas elas orações de Tia Laura. Pregou pela última vez em 11 de novembro de 1991 em Itaici, onde faleceu vítima de câncer. Foi sepultada em Cachoeira Paulista. (Tia Laura, a fidelidade que gerou milagres! Disponível em: <http://rccsp.org.br/fidelidade/?p=236>)

¹⁰ TIRAPELI, p. 129, livro a ser lançado.

¹¹ *Carton-pierre*: técnica de origem francesa que surge em meados de 1840-50, obtida pela mistura de cola de pele ou peixe, polpa de papel – celulose e carbonato de cálcio; moldada, seca e finalizada em formas duráveis, geralmente utilizadas em enfeites arquitetônicos nos interiores. Sobre estes podem ser aplicadas técnicas decorativas de policromia imitando pedra, metal, madeira, etc.; é uma espécie de papel machê utilizado para fazer ornamentos leves onde o gesso seria muito pesado. O *Carton-pierre* foi amplamente utilizado no século XIX para rosas de teto moldadas e cornijas. É muito mais leve e mais fácil de moldar e muito mais barato para produzir. Fonte: Wikipédia.

ram removidas e colocadas diretamente sobre o chão, atrás do retábulo, por estarem gravemente infestadas por insetos xilófagos e sem sustentabilidade física e estrutural. (Fig. 6 e 7)

De grande importância artística é o seu retábulo em madeira entalhada, dourada e policromada (Fig. 7), de autoria do escultor e entalhador Marino Del Favero, dentre um total de 44 retábulos de autoria do escultor contabilizados até o momento no interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, locais onde o artista atuou.

O retábulo de Nossa Senhora do Rosário de Lorena, SP, é originário de suas oficinas na capital paulista, objeto de culto religioso e interesse artístico-histórico, esculpido em cedro, policromado e dourado, rico em marmorizados de multicoloridos e ornamentado com os característicos anjos do artista, mede aproximadamente 4,5 metros de altura, 2,30 metros de largura e 1,20 metros de profundidade, sendo a mesa do altar alta um metro. Assim como a maioria dos retábulos de Marino Del Favero, é um retábulo auto-portante, que não se liga às paredes laterais e de fundo da nave, e neste caso, tem reverso acessível, formando uma pequena área vazia atrás do retábulo. Sua estrutura arquitetônica de madeira é simples e com encaixes e apliques dos elementos decorativos. O reverso é bem elaborado e bem acabado, com esmero no acabamento das peças e molduras.

Os retábulos de Marino Del Favero são de difícil classificação histórica e estilística, pois mesclam características barrocas, rococós e neoclássicas em sua composição formal e estilística. Detalhes marcantes na retabulística de Marino Del Favero correspondentes a estes três períodos históricos são:

- Período barroco: profusão de anjos e *putti* como elementos decorativos;
- Período rococó: marmorizados, tons pastéis e uso do ouro somente nos capitéis e relevos;
- Período neoclássico: desenho arquitetônico com uso de frontões triangulares, arcos concêntricos, colunas de fuste reto e capitéis compostos;
- Período eclético: uso da alvenaria de tijolos, material que surge e se consolida como característico do ecletismo, utilizado na construção de alguns retábulos;
- Período industrial: uso de elementos decorativos pré-moldados e repetitivos em outras obras, que remetem à introdução da industrialização na cidade de São Paulo, conferindo aos retábulos uma característica de repetição formal e estilística, quase serial.

Marino Del Favero viveu e trabalhou nos períodos neoclássico, eclético e modernista brasi-

leiro, trazendo em sua herança cultural os estilos barrocos, rococós e neoclássicos italianos. Desta forma, denominamos o período histórico-estilístico dos retábulos de Marino Del Favero como sendo “Retábulos Ecléticos” para melhor localização no tempo.

O retábulo da Capela de Nossa Senhora do Rosário, é executado em madeira entalhada, com elementos antropomorfos e fitomorfos, policromada e dourada. Arquitetura interna em forma de frontão triangular. O retábulo apresenta três registros (banco, corpo e entablamento) e um tramo (camarim).

A mesa do altar é entalhada em relevo com a representação de Nossa Senhora do Rosário, sobre nuvens e cercada pela Glória, onde a Virgem com o Menino Jesus no colo é cercada por São Domingos de Gusmão à sua direita e Santa Catarina de Siena à sua esquerda. A Virgem e o Menino Jesus trazem um rosário às mãos, assim como São Domingos de Gusmão à sua mão direita, enquanto Santa Catarina o trás à sua mão esquerda. A cena é emoldurada por duas nuvens com dois querubins em cada lateral superior.

O sotobanco é simples, liso e apenas marmorizado e o banco é formado por duas quartelas que sustentam os pilares, sendo que ao centro destes o sacrário, com a representação de Cristo ajoelhado, tomando em suas mãos o Cálice Sagrado, entalhado e policromado na porta, e, arrematada em arco pleno, simples e com um par de querubins entalhados e policromados.

O corpo do retábulo é formado por um tramo. De cada lado dois anjos tocheiros, encimados por um pináculo. Ao centro, o nicho com a imagem de Nossa Senhora do Rosário (Fig. 9) é separado das paredes laterais por um par de colunas com capitel coríntio em cada lado e encimado por um arco-pleno com entalhes dourados. O entablamento, ou coroamento é triangular com um par de anjos entalhados que seguram a coroa. Sobre o frontão, três pináculos finalizam a obra.

De tipologia semelhante ao retábulo de Nossa Senhora do Rosário da Capela de Lorena, esquematizado e exemplificado por mais sete obras até o momento encontradas no Vale do Paraíba e Sul de Minas e listadas a seguir:

-Ret. de capela lateral – Ig. Matriz de São José, São José do Barreiro, SP, (1906);

-Ret.-mor da Imaculada Conceição – Ig. de N. Sra. Imac. Conceição, Franco da Rocha, SP, (1908);

-Ret. da Capela do Santíssimo - Catedral Metropolitana de Campinas, SP, (1909).

- Ret. lateral de N. Sra. Rosário – Ig. Matriz de N. Sra. Lourdes, Maria da Fé, MG, (1937);
- Ret. lateral de São Pedro – Ig. Matriz de N. Sra. de Lourdes, Maria da Fé, MG, (1937);
- Ret. lateral do Ssmo. Sacramento – Ig. Matriz de N. Sra. Lourdes, Maria da Fé, MG, (1937);
- Ret-mor de N. Sra. Nazareth - Capela de N. Sra. Nazareth, Lagoinha, SP, (c.1942- remontado em 1996);

O RETÁBULO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

As obras de arte executadas em madeira policromada e dourada, geralmente apresentam danos oriundos de quatro grandes grupos, tais como:

-Danos biológicos diretos: deterioração grave provocada pela infestação de insetos xilófagos (cupins) que acabam por comprometer a estrutura da peça pela escavação de galerias e consequentemente a perda do suporte, fragilizando-o;

-Danos biológicos indiretos: teias de aranha que atuam como grande facilitador para o acúmulo da poeira e de umidade da peça; ovos, fezes e restos de insetos que atuam facilitando a proliferação de bactérias ou mesmo reagindo com os materiais da obra, danificando-a;

-Danos físicos: perdas de elementos entalhados e dourados; perdas de frisos, entalhes e partes lisas das madeiras; gretas;

-Danos causados pela intervenção humana: colocação de tecidos forrando o camarim e toalhas sobre a mesa do altar e sacrário que abafam a madeira aquecendo o seu interior e dando condições favoráveis à proliferação dos xilófagos; colocação de vasos de flores, tachinhas e instalações elétricas inadequadas que oferecem riscos estruturais à obra.

O retábulo de Nossa Senhora do Rosário sofreu danos de todas estas ordens, sendo os mais preocupantes a infestação por insetos xilófagos, os choques mecânicos, as modificações estruturais e a infiltração de água, foram elementos que afetaram a integridade física da obra; carcomendo, apodrecendo, rachando e suprimindo os seus elementos de suportes, ameaçando a sua estabilidade. Além da sujidade acumulada e aderida na policromia e no douramento, observa-se o processo de descolamento e perda deste. Nota-se também a oxidação do douramento.

No reverso do altar, nota-se além da infestação por insetos xilófagos, a colocação inadequa-

da de fiação elétrica que oferece riscos de incêndio (Fig. 10), além do condicionamento inadequado das peanhas removidas de seus locais de origem e colocadas diretamente no chão (Fig. 11).

Observou-se, sobre o altar, escorridos de parafina de velas, flores naturais em decomposição; a presença de flores artificiais que se tornam recipientes para o acúmulo de poeira, sujidades e ninhos para proliferação de insetos (Fig.12). Toda a extensão da policromia apresenta uma camada de verniz amarelecido e oxidado e e muitas aberturas de galerias de xilófagos (Fig. 13)

Foram encontrados no interior da Igreja excrementos de pombos, assim como manchas de escorrimento de água pelas paredes o que aumenta a Umidade Relativa do ar no interior da Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Através deste estudo, pudemos reunir dados sobre a história, a autoria do projeto arquitetônico e do retábulo da Capela de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Lorena, assim como apresentar uma análise estética de seu retábulo, em estado avançado de degradação, podendo perder-se no tempo, restando somente a memória estética e histórica de uma igreja importante não só por seus autores mas pelo que representa à comunidade católica e aos milagres proferidos por Dona Laura.

Ressaltamos por fim a importância da preservação desta edificação e das obras de arte que a ornamentam, através de uma adequada intervenção de conservação e restauro dos mesmos. Salientamos que as intervenções de conservação e restauro devem ser realizadas apenas por pessoal altamente qualificado, utilizando materiais específicos e de boa procedência, após o profundo estudo das obras e sempre baseados em critérios fundamentados nas Cartas Patrimoniais e na Teoria de Cesare Brandi.

Uma pequena jóia eclética como a Capela de Nossa Senhora do Rosário, importante patrimônio loreense e para a comunidade católica nacional, merece a atenção e cuidados para a sua preservação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Coleção - Imagens Período Colonial - São Paulo. Disponível em: <http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-sao-paulo/667/> Acesso em: 30/07/2014

EVANGELISTA, José Geraldo. **Lorena no século XIX**. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

_____. **Retalhos Históricos de Lorena**. Lorena: Sociedade Amigos da Cultura de Lorena, 2001(Lorenense, 5).

Livro de Tombo da Igreja Matriz (1747-1883). Mitra Diocesana de Lorena.

Livro de Tombo da Igreja Matriz (1910 a 1941). Mitra Diocesana de Lorena.

MEGALE, Nilza B. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 5ª. ed.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo**/Auguste de Saint-Hilaire; tradução e introdução de Afonso de E. Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. 238p.:il. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros). Disponível em: http://minhateca.com.br/pcfernandes1951/Letra+A/Auguste+de+Saint-Hilaire_Segunda+viagem+a+Sao+Paulo_32359309.pdf Acesso em: 30/07/2014

TIRAPELI, Percival (org.) **Arte Sacra Colonial: barroco memória viva**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005

_____. **Arquitetura e urbanismo no Vale do Paraíba paulista - do colonial ao eclético**. São Paulo: Ed. UNESP/SESC, 2014. (livro a ser lançado)



figura02.jpg - Capela de Nossa Senhora do Rosário, planta em cruz grega de autoria de Ramos de Azevedo (1919), Lorena, SP, s.d. Fonte: Acervo IEV Instituto de Estudos Valeparaibanos. Reprodução: Cristiana Cavaterra.

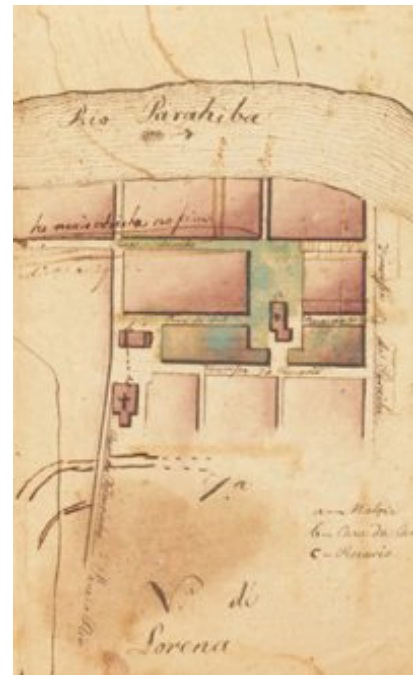


figura01.jpg - Lorena - 1821 'Va. de Lorena'. Autor: Arnaud Julien Pallière. Fonte: Desenho do álbum de Arnaud Julien Pallière, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-sao-paulo/667/> Acesso em: 22/08/2014.



figura03.jpg - Desenho esquemático da Capela de Nossa Senhora do Rosário. Autor: Percival Tirapeli. Fonte: Acervo do Artista.



figura04.jpg - Capela de Nossa Senhora do Rosário. Fonte: Cristiana Cavaterra, dezembro/2014.



figura05.jpg. - Querubins pintados na cúpula da nave-mor. Fonte: Cristiana Cavaterra, maio/2014.



figura06.jpg - Peanha lateral esquerda, colocada na capela lateral direita. Fonte: Cristiana Cavaterra, setembro/2008.



figura07.jpg - Peanha lado direito, colocada na capela lateral direita. Fonte: Cristiana Cavaterra, setembro/2008.



figura08.jpg - Retábulo de madeira esculpida, policromada e dourada de autoria de Marino Del Favero. Fonte: Cristiana Cavaterra, maio/2014.



figura09.jpg - Imagem centenária da Padroeira. Fonte: Cristiana Cavaterra, maio/2014.



figura10.jpg - Detalhe do reverso do retábulo com ataque de xilófagos e fiação elétrica aparente. Fonte: Cristiana Cavaterra, maio/2014.



figura11.jpg - Peanhas removidas e colocadas diretamente sobre o chão, atrás do retábulo, com fiação elétrica aparente e enceradeiras ao lado. Fonte: Cristiana Cavaterra, maio/2014.



figura12.jpg - Detalhe do retábulo da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Lorena, SP. Fonte: Cristiana Cavaterra, setembro/2008.



figura13.jpg - Detalhe da infestação por insetos xilófagos. Fonte: Cristiana Cavaterra, maio/2014.